



O Sal e o Núcleo Museológico do Sal da Figueira da Foz identidades de uma região

Falar actualmente em sal é falar genericamente em NaCl (40% Na⁺ e 60% Cl⁻). A bem da verdade, é raro o consumidor que sabe a diferença entre o sal marinho tradicional e o sal marinho industrial. Ambos alimentados pela água do mar, a diferença reside na recolha e, enquanto produto final, na sua composição. O sal marinho, ou outro tipo de sal (sal-gema, por exemplo) é um corpo sólido, incolor, quando puro, transparente e de sabor salgado característico. Apresenta-se na Natureza em cristais de forma cúbica de dimensões variáveis e reunidos de forma a constituírem as rasas⁶ ou tremonhas⁷ de sal.

Conforme a sua granulometria, o sal natural é classificado comercialmente em *fino*, *traçado* e *grosso*. Por norma, o sal-gema é mais puro que o sal marinho, mais rico, portanto, em cloreto de sódio, o que significa que salga mais. Em Portugal, contrariamente ao que se passa noutros países, produz-se mais sal marinho (Aveiro, Figueira da Foz, Alcochete, Alcácer do Sal, Tavira, Olhão e Castro Marim), que sal-gema (Rio Maior e Loulé).

Sendo a matéria-prima a água do mar, necessitamos de outros agentes, nomeadamente o calor e os ventos secos para que a evaporação se faça e a água dê lugar aos depósitos de sal marinho. São estas condições, aliadas ao labor e técnica milenar que possibilitam a colecta de sal marinho tradicional ao longo da costa atlântica.

Segundo Aimé Girard (1872) no seu “*Étude sur les marais salants et l’industrie saunière du Portugal*”, a natureza deu às costas de Portugal uma situação excepcional para o fabrico do sal marinho; uma experiência secular deu aos marnoteiros deste país uma habilidade incomparável e algumas vezes processos singulares com eficácia inesperada e provavelmente impossíveis de imitar em outras regiões”.

Os vestígios arqueológicos aferem que no período romano algumas actividades da pesca e da salga de peixe eram muito intensas, junto à costa, especialmente entre os rios Tejo e Guadiana⁸. Segundo Virginia Rau, as regiões onde depois da Reconquista mais se desenvolveu a exploração do sal – o baixo Tejo e o baixo Sado – são precisamente aquelas que, nos primeiros séculos da era cristã, tinham uma importante indústria de salga de peixe e de preparação do *garum*⁹. Em Lisboa, sob a Casa dos Bicos, foram encontradas algumas cetáreas, assim como na margem esquerda, em Cacilhas. E na desembocadura do Sado, sabemos que Tróia é actualmente a maior estação arqueológica conhecida na área do Império Romano, em número de reservatórios destinados à salga do peixe e ao *garum*. Em Setúbal foram igualmente encontradas cetáreas, bem como mais a sul, concretamente na ilha do Pessegueiro, Faro (*Ossonoba*), Luz de Tavira (*Balsa*), Boca do Rio, Budens, Loulé Velho e Cerro da Vila.

Em 919 surge a primeira referência a salinas, na região do Carrapatelo e a partir daí começam paulatinamente a surgir outras informações no litoral Norte.



A salicultura na Figueira da Foz nos anos 40



O Núcleo Museológico do Sal da Figueira da Foz

O salgado da Figueira da Foz – um Jardim de Sal

O Núcleo Museológico do Sal – uma identidade regional

A mais antiga referência (até agora conhecida) sobre a Figueira da Foz, concretamente sobre a Ilha da Murraceira vem do ano 1166. A importância local do sal motivou uma verdadeira cultura salineira, expressa no folclore

⁶ Antiga medida de secos, correspondente a um alqueire.

⁷ Utensílio em forma de pirâmide invertida.

⁸ Vejam-se as referências a este assunto nos autores como Jorge de Alarcão, *Roman Portugal* e Octávio da Veiga Ferreira em *Algumas considerações sobre as fábricas de conserva de peixe da antiguidade encontradas em Portugal*.

⁹ *Garum* deriva de *garos* (também *garon*), o peixe utilizado originalmente pelos gregos, por volta de V ^aC para fazer um molho com o mesmo nome.

(Rancho das Salineiras de Lavos), na gastronomia (peixes salgados, batatas no sal) e em numerosas expressões e técnicas que apenas existem na Figueira da Foz. Entre estas singularidades inclui-se a gestão comunitária dos viveiros que abastecem as salinas, cuja posse é comum e que funcionam também como pisciculturas extensivas, em que a pesca é feita anualmente.

A partir de 1970 iniciou-se um longo processo de abandono e reconversão para outras actividades (aquacultura) e destruição (obras portuárias e rodoviárias). Após a década de ouro do salgado tradicional, a região assiste a um paulatino declínio da actividade salineira e o aquoso reticulado típico da região, coberto de montículos brancos entre a Primavera e o Estio, deu lugar a uma progressiva paisagem cor-de-abandono, seca e improdutivo, atravessada por esteiros onde, aos poucos, foram também adormecendo os longos batéis de sal, deixados à mercê de uma sorte que se fez igual para todos os elementos do salgado: a de se tornarem em velhos esqueletos de madeira esquecidos num tempo célere demais para que se tomasse consciência das muitas e importantes perdas que com eles se atolavam.

Foi atendendo ao facto que o declínio da actividade tem levado a um progressivo abandono ou transformação de salinas, que a Câmara Municipal da Figueira da Foz adquiriu, no ano de 2000, a salina do Corredor da Cobra, localizada nos Armazéns de Lavos.

Dois anos mais tarde foram instaladas no terreno algumas estruturas interpretativas que permitiram a concretização de um circuito pedestre temático em torno das salinas, designado por Rota das Salinas.

Em 2005, foi politicamente reconhecido o declínio da actividade salineira e a Câmara Municipal da Figueira da Foz entendeu a urgência de construir um centro interpretativo apoiado em serviços e equipamentos complementares colocados igualmente ao serviço da identificação e valorização global da actividade salineira.

Inaugurado a 17 de Agosto de 2007, O NMSAL, espécie de *centro interpretativo e laborial*, único na Península Ibérica, permitiu o apoio a uma estratégia global de informação suportada, funcionando actualmente como unidade didáctica, de lazer e de interactividade fruída pelos mais diversificados públicos.

Com intuito de considerar o projecto integrado num território amplo, foi igualmente reconstruído o tradicional Armazém de Sal que, funcionando simultaneamente como local de armazenamento do sal e de descanso do marnoto, tem a particularidade de poder ser visitado e de oferecer - para além do contacto com o sal "tal qual" - uma pequena exposição de alfaia, painéis informativos da actividade, da funcionalidade do armazém e estrutura da salina em geral.

Assim, no conselho da Figueira da Foz, a criação de um Núcleo Museológico em plena salina - e complementado com a existência de um Armazém de Sal, de uma Rota Pedestre pelo Salgado e de uma Rota Fluvial - permite, no presente, a fruição integrada de diferentes espaços que se devem explorar na complementaridade e riqueza dos seus contributos e significados.

O Núcleo Museológico do Sal é uma extensão museológica do Museu Municipal Santos Rocha, dependente organicamente da Divisão de Cultura da Câmara Municipal, a quem cabe a sua gestão, promoção e divulgação.

O Território da Murraceira e a sua importância ambiental – Laboratório vivo e experimental

Até aos inícios do século XX não era possível o acesso à Ilha por terra, uma vez que as pontes que passaram a ligá-la à Figueira da Foz e à Gala só foram construídas em 1903-1905. Nessa época já a Murraceira deixara de ter apenas as funções de território de sal e de peixe de águas salobras, para também servir de local para a seca do bacalhau e de estaleiro de construção naval¹⁰.

A importância ecológica da Ilha da Murraceira deve ser realçada, por um lado, pela urgente necessidade de recuperar a área de forma a preservar os recursos ambientais e naturais que a constituem e, por outro, pela tentativa de extrair vantagens da área como recurso cénico, turístico e didáctico. Consideradas em conjunto, estas três vertentes poderão criar mais valias económicas assegurando simultaneamente a preservação da área.

Das actividades actualmente mais importantes da Ilha destacam-se a salinicultura, a aquacultura e a orizicultura. A importância ecológica é amplificada, em parte pela presença de salinas na zona, que na maioria dos casos foram abandonadas ou reconstruídas para dar resposta a diferentes usos¹¹.



O Armazém de Sal da Salina do Corredor da Cobra



Flamingos na Ilha da Murraceira

¹⁰ Pertenciam os dois estaleiros às companhias de Atlântica e Lusitânia

¹¹ Especialmente para a aquacultura

No Verão, estes dois locais constituem o habitat preferencial de nidificação de aves limícolas.

Os estudos levados a cabo por alguns investigadores da Universidade de Coimbra (Murias 1997 e Lopes 1999) demonstram a existência de uma grande variedade ornitológica no estuário do Mondego, com 127 espécies identificadas na última década, existindo uma dominância das ordens de Passeriformes¹² (35%) e Caradriformes¹³ (31%). A maioria das espécies são migratórias e/ou invernantes.

A diversidade de avifauna existente no estuário permitiu que este fosse incluído na rede mundial de IBAs (Important Bird Area). Esta classificação atesta a sua importância ornitológica e serve de base para qualquer futura classificação conservacionista.

E é com este potencial natural e ecológico que nos movimentamos na construção de alguns conteúdos pedagógicos, didáticos e museográficos do NMSAL. Na realidade tem sido nossa política retirar o máximo partido deste habitat natural e semi-natural, presentes na Ilha e no estuário do rio Mondego e trabalhar na promoção da educação ambiental com as escolas que visitam a Salina Municipal e a sua infra-estrutura.

De facto, este território carregado de simbolismo e de tradições é um verdadeiro laboratório experimental e suporte para inúmeros programas de educação ambiental.

A Ilha da Murraceira combina valores paisagísticos e biodiversidade conferindo-lhe um vasto potencial didático que possibilita a descoberta das múltiplas relações ecológicas entre organismos, ambiente e as actividades humanas que suporta.

O NMSal é algo construtivo. Ao representar está a construir, a tornar efectivas uma série de representações. A comunidade local que abraça a actividade e a desenvolve, a identidade do marnoto, a cultura do sal e o património ambiental e material, não são essências, mas sim construções sociais, artefactos culturais onde se sobrepõem diferentes objectificações. O nosso espaço interpretativo objectifica e é um objectificador de identidade: atribui diferentes significados a esta cultura, a esta identidade e às suas tradições.

O NMSal é um exemplo da importância das heranças naturais e culturais, no potenciar das estratégias de integração e de desenvolvimento sustentável. É o reflexo da aposta no passado, para se relançar um futuro com base numa perspectiva sólida de desenvolvimento, eco-abrangência, sustentabilidade e de parcerias estratégicas. É nesta relação Homem e Natureza que nos posicionamos.

Em síntese, o Núcleo Museológico do Sal deverá ser um espelho onde a comunidade e a realidade se revejam, sendo nos nossos visitantes e viajantes que logramos conquistar a vontade de redescobrir em cada visita o privilégio único do contacto com a beleza idílica destes nossos, cada vez mais reconhecidos, *Jardins de Sal*.

Fontes bibliográficas

AMZALAK, Moses Bensabat (1920). *A Salicultura em Portugal – materiais para a sua história*, Separata do “Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa, vol. XXII. Lisboa

GIRARD, Aimé (1872). *Étude sur les marais salants et l'industrie saunière du Portugal*[*Annales du Conservatoire des Arts et Métiers*. Paris

LEPIERRE, Charles (1936). *Inquérito à indústria de sal em Portugal*. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa

RAU, Virgínia (1984). *Estudos sobre a História do Sal Português*, Editorial Presença. Lisboa.

SILVA, João Ferreira (1966). *O Sal*. Ministério da Educação Nacional, Direcção-Geral do Ensino Primário. Lisboa.

Texto de: Sónia Ferreira Pinto e Fotos do Arq. Fotográfico Municipal da Figueira da Foz

Técnica Superior de Arqueologia da Divisão de Cultura da C. Mun. da Figueira da Foz e Coord. do Núcleo Museológico do Sal

a propósito da Conservação do Lince Ibérico...

O lince ibérico, procurando habitats heterogéneos onde os matagais alternam com áreas de pastagem, foi muito prejudicado pela substituição deste tipo de habitat por áreas de produção florestal intensiva de eucaliptos. Como nestas explorações, o coberto de formações arbustivas é muito escasso, ele não permite a presença do coelho, que é a principal presa do LI. O coelho bravo também tem vindo a sofrer um declínio muito pronunciado durante as últimas 5 décadas, devido à mixomatose. Para além desta patologia, também a hemorragia viral, a partir do final da década 80, provocou o acentuado desaparecimento do coelho bravo. Os incêndios florestais, que anualmente devastam a Península, contribuem para a destruição dos habitats. Mas a mortalidade do LI também se deve à irresponsabilidade do Homem. Um número significativo de lince foi morto por seres humanos. O abate intencional e a utilização de laços e armadilhas continuaram a ocorrer e a ser uma razão séria para o seu desaparecimento. A reduzida variabilidade genética das pequenas populações isoladas faz com que estes animais sejam muito vulneráveis a doenças. E assim a leucemia felina, a toxoplasmose, a tuberculose bovina...ameaçam a sobrevivência das populações de Lince.

Sendo o felino mais ameaçado do mundo (corre o risco de desaparecer para sempre da Natureza), Portugal e Espanha têm vindo a desenvolver projectos de protecção desta espécie. Em Portugal, a Liga para a Protecção da Natureza (LPN), em parceria com uma organização internacional, Fauna & Flora International (FFI), em 2004, criou o Programa Lince. Os principais especialistas nesta espécie, em Portugal, participaram e apoiaram técnica e cientificamente este programa. Neste âmbito, desenvolveram-se projectos que têm como objectivo a recuperação do habitat natural do LI. Em Silves, no Centro Nacional de Reprodução do Lince Ibérico (CNRLI) trabalha-se para que lince reprodutores em cativeiro se reproduzam em território nacional.

Texto de Graciete Branco e Foto de Autocolante retirado da Internet

¹² Vulgarmente pássaros ou passarinhos. O grupo é bastante numeroso e diversificado, com cerca de 5400 espécies, o que representa metade do total de aves

¹³ É uma ordem de aves que integra as famílias deste grupo muito diversificado na ordem *Ciconiiformes*. A maioria dos seus membros vive nas zonas costeiras e alimentam-se de invertebrados

SALVEMOS O LINCE
E A
SERRA DA MALCATA



CAMPANHA NACIONAL

A CELLULOSE DESTRÓI UMA RIQUEZA NACIONAL
UMA ESPÉCIE AMEAÇADA-UMA SERRA EM PERIGO
UM SALIS MALTE PODRE

● INFORMA-TE E COLABORA ●

LIGA PORTUGUESA PARA A PROTECÇÃO DA NATUREZA + FACULDADE DE CIÊNCIAS + LISBOA
CENTRO NACIONAL DE REPRODUÇÃO E PROTECÇÃO DO LINCE IBÉRICO + SILVA DA LARÇA, 13 + VILA LARÇA
CENTRO-NACIONAL DE ORDENAMENTO E GESTÃO AMBIENTAL DO TERRITÓRIO + P.O. BOX 1000000000 + 4000-0000